



João Mendes Coelho*

Folie à deux

Mau tempo de sul

Aproximava-se uma tempestade de sul, com nome de mulher que não fixei. Ouvira nas notícias pelo rádio que trazia comigo.

Homens, mulheres, velhos e algumas crianças, mas sobretudo velhas, nas suas melhores roupas, lavadas em *Chanelnº5*, desapareciam no instante em que cruzavam a porta da igreja. Numa breve corrida, os mais atrasados deslizavam até aos últimos lugares. Os turistas, alheados, fotografavam na praça. À distância, eu assistia à azáfama, enquanto o sino da igreja badalava e uma voz familiar

— *A casa do teu Pai? Do que te abandonou ou do Outro, de quem esperas salvação?* — troçava, entre risos. Subi o volume do rádio que ouvia pelos auscultadores. Não conhecia a música, mas ensurdecia a voz e isso bastava-me.

Costumava ir à missa ali, uma ou duas vezes por ano, quando era miúdo. Ainda oiço a voz meiga da minha mãe,

— *No domingo vamos à cidade para a procissão, Joaquim. Se fores um bom menino, podes escolher entre as pipocas ou o algodão-doce.*

O meu pai alagou os miolos em vinho de cheiro. Ocupação a tempo inteiro a que se dedicou desde o dia em que a minha mãe morreu. Eu e o meu irmão, largados à sorte. O mau tempo de sul, que esconde o sol durante o dia inteiro, tenho a impressão que começou nesse dia. O último da minha infância.

— *O teu irmão embarcou para a América. Abandonou-te! Não vales nada, és um miserável como o teu pai!* — guinchava-me ao ouvido aquela voz.

— *Cala-te!!* — gritei, farto, farto, farto de a ouvir.

Os turistas assustados com o grito afastaram-se, na dúvida entre o passo acelerado ou o de corrida. O terror nos seus rostos quase me deu vontade de rir.

Desliguei o rádio, guardei-o, levantei-me e dirigi-me para a igreja. Entrei, atravessei o corredor central e sentei-me ao fundo, longe de tudo e de todos.

— *Corações ao alto!* — exclamou o padre.

Tinha doze anos quando o cancro levou a minha mãe. Não me cheguei a despedir. O meu pai, a meio da noite,

— *Não é nada, Joaquim. Vai-te deitar!* — rugia, enquanto a ajudava a entrar na ambulância. Ela, coitada, tossia, tossia, tossia...seria sangue? Foi a última vez que a vi. Não me cheguei a despedir.

Nesse ano, mas já com treze anos, experimentei cocaína — a do italiano — pela primeira vez. Aquela mecha, a cara dormente, o coração ao alto, a mil! O *maligno* veio uns tempos depois.

— *O maligno?*

Maligno é o nome que dou àquela maldita voz, que não me larga desde o meu primeiro internamento no *Egipto*. Foram seis, ou talvez sete, depois desse.

— *Na hora em que Ele se entregava para voluntariamente sofrer a morte, tomou o pão...* — continuava o padre.

A sensação daquela primeira vez não encontra tradução em palavras que eu conheça. Foi o beijo de Deus. Depois disso, nada mais é como dantes. Nada. Há, se tanto, algum alívio. Momentos. Com essa sintética, então...

— *Este é o cálice do meu Sangue...* — prosseguia o padre.

Naquele instante, ao ouvir estas palavras, tudo se revelou em mim.

— *Fazei isto em memória de Mim.*

Todos, até os santos, notaram. Num súbito movimento sincronizado, todas as cabeças se voltaram para mim. Um segundo de sepulcral silêncio. Depois, os gritos cortantes e os centuriões, de todos os lados, a lançarem-se sobre mim.

— *Não vales nada! De que é que estavas à espera? Da salvação, seu verme?*

As costelas quebradas com o peso e os murros dos brutamontes — e dos santos! O sabor metálico a sangue na boca e as memórias vívidas da minha mãe, do meu pai,

— *Não é nada, Joaquim. Vai-te deitar!*

Depois, só me recordo da senhora enfermeira me acordar e de estar aqui consigo, Doutor.

* Médico psiquiatra e adictologista

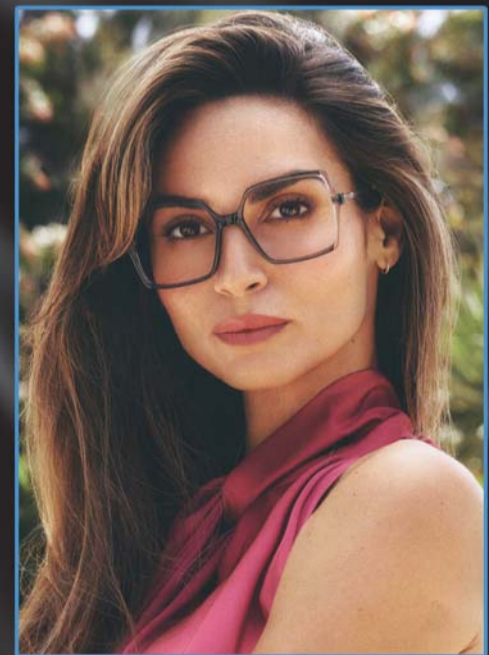
PUB.



OCULISTA MENDONÇA

— DESDE 1958 —

66 anos ao serviço da ótica e da visão
com a mais avançada tecnologia!
Atendimento personalizado



BOSS EMPORIO ARMANI



JOÃO MENDONÇA & FILHOS, LDA. - OCULISTAS ESPECIALIZADOS

Largo da Matriz, nº 39 e Largo Vasco Bensaude, nº4 - 9500-Ponta Delgada - São Miguel, Açores

Tel.: 296 284 531 Tlm.: 967 252 552 Email: joamendoncalda_oculistas@hotmail.com